



# UFRGS

## PROFESSORES EMÉRITOS

MEMÓRIAS E HISTÓRIA





**UFRGS**  
PROFESSORES EMÉRITOS  
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

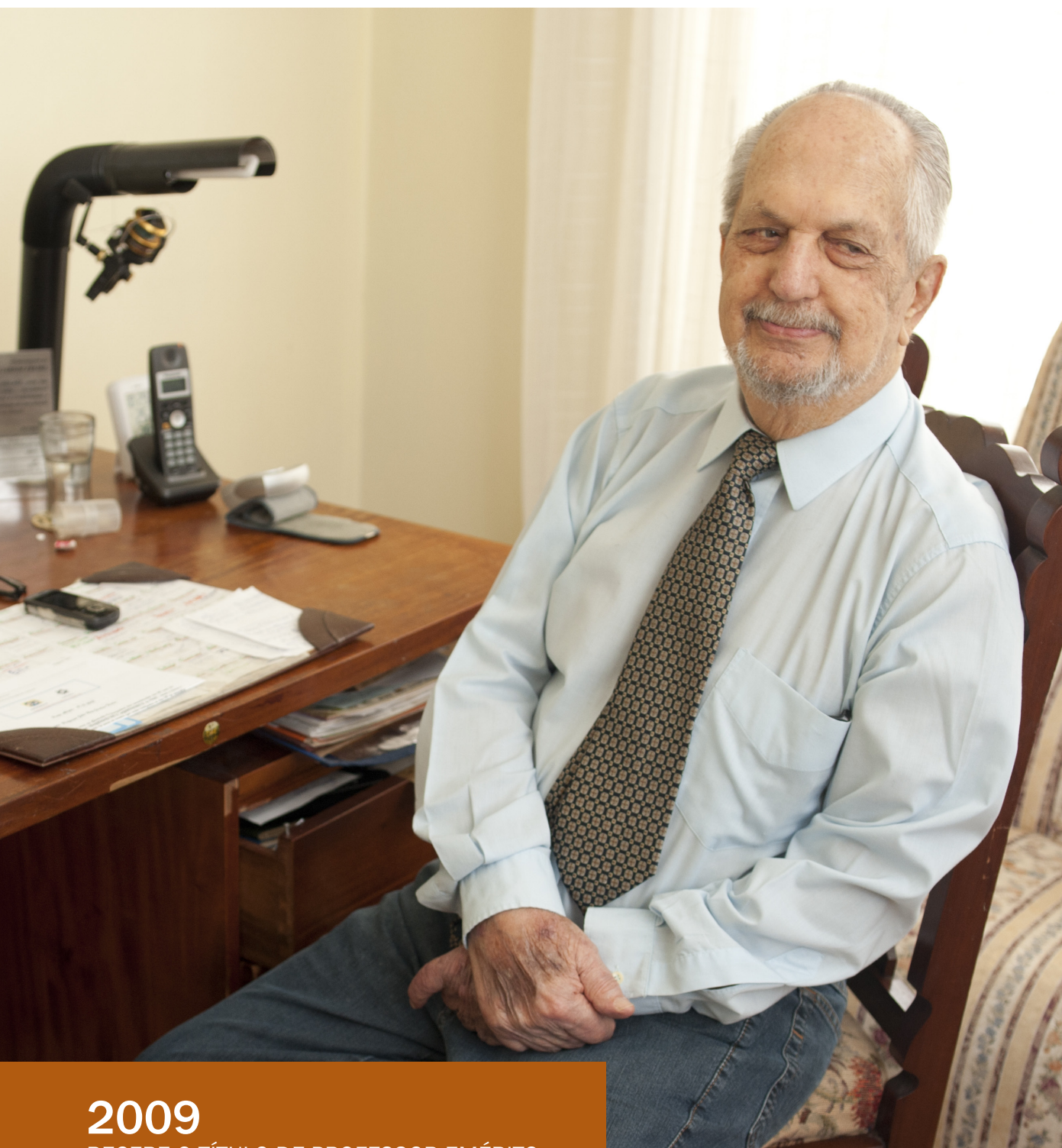
# UFRGS

**PROFESSORES**  
**EMÉRITOS**  
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

Clarice Siedler

Édina Rocha

## JOÃO RUY JARDIM FREIRE



Entrevista concedida em abril de 2012. Foto: Flávio Dutra

**2009**

RECEBE O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UFRGS

136

## PLANEJAR A MÉDIO E LONGO PRAZO É ESSENCIAL NA VIDA PESSOAL E NA CARREIRA PROFISSIONAL

*“Eu gostaria que a UFRGS tivesse essa visão de futuro e, com base em estudos sobre a situação atual ou passada, fizesse uma projeção do que é possível e do que é desejado para o estado a fim de se antecipar à procura e poder atender mais às demandas da população e de desenvolvimento da região.”*

Um homem preocupado com o futuro. Aos 89 anos de idade, João Ruy Jardim Freire diz que gostaria que a UFRGS fizesse um planejamento a médio e longo prazo para antever quais profissões e tipos de pesquisa serão necessários daqui a dez ou quinze anos. Só assim vai estar preparada para atender às demandas da sociedade e ajudar o desenvolvimento da região. Acredita que os jovens também deveriam olhar mais para o tempo que está por vir.

Mais que um simples discurso, essa é uma convicção que sempre adotou em seus projetos de vida e de trabalho. Na década de 1950, a soja recém começava a ser conhecida e plantada no sul do Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, e o pesqui-

sador percebeu que a cultura poderia ter muito êxito. Agrônomo especializado em microbiologia, ele começou, nessa época, a trabalhar com bactérias fixadoras de nitrogênio e com o uso de leguminosas para a produção de grãos. Quando ainda nem se falava em desenvolvimento sustentável porque havia pouca consciência ecológica no país, ele já pensava em adubação verde. Sua atuação na liderança de um grupo de pesquisas nesse sentido foi fundamental para o aumento do rendimento da cultura da soja, o que trouxe grandes benefícios econômicos e ambientais.

Jardim Freire nasceu, se criou e cursou faculdade no Rio de Janeiro. Esse “gaúcho naturalizado” veio para Porto Alegre em 1946, logo após a graduação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a convite do irmão que era veterinário e trabalhava na Secretaria Estadual de Agricultura. Logo começou a desenvolver pesquisas na Seção de

**1946**

O CARIOCA FORMADO ENGENHEIRO AGRÔNOMO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO CHEGA AO RIO GRANDE DO SUL PARA TRABALHAR NA SECRETARIA ESTADUAL DE AGRICULTURA

**1957**

COMEÇA A LECIONAR NA UFRGS

137

Bacteriologia da instituição, que depois passou a ser vinculada à Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro) e a denominar-se Laboratório de Fixação Biológica de Nitrogênio (LFBN). Esteve dois anos nos Estados Unidos aprofundando seus estudos em microbiologia do solo e, em 1957, se deu conta de que gostaria de diversificar sua atuação e compartilhar seus conhecimentos e que o melhor seria ir também para a parte acadêmica. Começou a lecionar na UFRGS onde, poucos anos depois, fez seu curso de doutorado em Ciência do Solo.

Durante três décadas trabalhou meio período diário em cada um dos seus dois empregos. Acredita que foi importante ter realizado suas pesquisas de forma paralela na Universidade e na Secretaria. Apesar da facilidade de contar com alunos de pós-graduação nos projetos de investigação, diz que foi a junção com a Secretaria que permitiu que estes se desenvolvessem, pois os recursos na Universidade sempre foram mais restritos para essa área. “Tive muito apoio do estado e, especial-

mente, do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), que davam o dinheiro para a Secretaria realizar pesquisas, enquanto na Universidade o apoio financeiro que eles me davam era para a formação de estudantes e para cursos extras.” Nessa época participou, também, da criação do Departamento de Solos da Faculdade de Agronomia.

Em 1978, a partir de uma proposta da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a cultura), o professor organizou e coordenou o Microbial Resources Center (MIRCEN) que, mediante convênio, unia a UFRGS e a Fepagro ao organismo internacional. Tratava-se de um centro internacional de pesquisa em microbiologia para a América do Sul, com sede na capital gaúcha e que também promovia treinamentos, dando formação especializada a mais de 600 microbiologistas do Brasil e de outros vinte países, inclusive da África.

Convidado pelo amigo e reitor Homero Jobim a candidatar-se a diretor da Agronomia (1986), Jardim Freire se licenciou do seu vínculo com o estado para dedicar-se exclusivamente à sua dupla função na Universidade. Participou da criação do Programa de Pós-graduação em

Microbiologia Agrícola e do Ambiente (1989) e conta que os momentos de que mais gostou na sua carreira docente estão ligados a esse curso, pois sentia grande satisfação em colaborar na preparação de mestres e doutores nessa área. Considera-se, entretanto, um pesquisador nato. Sua grande paixão sempre foi estar em um laboratório, trabalhando em seu microscópio, descobrindo, conhecendo, aprendendo.

Sua maior contribuição para a ciência e a economia brasileiras foi a pesquisa que desenvolveu com as bactérias simbióticas que são capazes de captar o nitrogênio existente na atmosfera e fixá-lo em leguminosas como soja, feijão e trevo, por exemplo. A inoculação desses micro-organismos aumenta a produtividade dessas lavouras sem prejudicar o meio ambiente. Em 1967, o professor conseguiu obter o isolamento de determinada linhagem de rizóbio (SEMIA 587) para a inoculação na soja, gerando grande repercussão nacional e internacional. Sua utilização é recomendada nessa cultura até hoje. Recebeu inúmeros prêmios e homenagens de institutos e congressos no Brasil e no exterior graças à descoberta.

O fato contribuiu, também, para que fosse convidado a dirigir o Programa Nacional da Soja, em 1970,

junto com um diretor estadunidense. “Naquela época era muito mal vista pela esquerda a junção com os EUA, mas foi firmado um convênio com a Universidade de Wisconsin para a realização de pesquisas aqui no país. Na parte de soja, o centro estava localizado na Faculdade de Agronomia. Havia um diretor de lá e um brasileiro, cargo para o qual fui o escolhido. Eu estava na parte de administração e também juntava todos os trabalhos e pesquisadores dessa área em reuniões que eu organizava com o objetivo de discutir os resultados obtidos no ano anterior e o planejamento para o ano seguinte. Foi uma época boa. Quando foi criada a Embrapa Soja (1975), na cidade de Londrina, Paraná, esse projeto foi extinto e terminou minha atividade”, explica.

De todas as demonstrações de consideração que ganhou nos seus mais de sessenta anos de atividade, destaca o título de Professor Emérito. “Para mim foi muito importante esse prêmio porque é o reconhecimento da própria casa. Aquele negócio de que santo de casa não faz milagre em geral é verdade,

**1963**

CONCLUI O DOUTORADO EM CIÊNCIA DO SOLO PELA UFRGS

**1967**

CONSEGUE OBTER O ISOLAMENTO DA ESTIRPE SEMIA 587, AINDA HOJE RECOMENDADA PARA A CULTURA DA SOJA

**138**

**1970**

É CONVIDADO A DIRIGIR, JUNTO A UM COLEGA ESTADUNIDENSE, O PROGRAMA NACIONAL DA SOJA

**1976 – 1980**

EXERCE O CARGO DE DIRETOR DA FACULDADE DE AGRONOMIA

**139**

então me deixou feliz. Eu já tinha tido muitas homenagens, como se pode ver nessas placas, diplomas e cartões que minha esposa gosta de deixar expostas, mas aquela solenidade foi especial”, comenta.

É considerado um dos principais responsáveis pela instalação da primeira indústria para a produção comercial de inoculantes de rizóbios para leguminosas no Rio Grande do Sul. Muitas outras foram criadas posteriormente e hoje o Brasil é o maior produtor mundial dessa “adubação verde”, que é usada em cerca de 50% da área plantada com soja. Todos os produtos inoculantes passam por um controle de qualidade que inclui a execução de análises fiscais e periciais, e o único laboratório credenciado pelo Ministério da Agricultura para realizar esse trabalho no Brasil é o LFBN, responsável, também, pelo Banco de Germoplasma Nacional para o Rizóbio, criado pelo professor-pesquisador.

“Acho que a Universidade está progredindo em muitos campos, mas vejo que, de certa forma, falta um pouco de planejamento para o futuro. Planejar para saber o que é preciso em termos de formação de profissionais.” Assegura que essa não é uma falha exclusiva da UFRGS, mas de todas as instituições como ela. Como exemplo de problema que se pode evitar quando se tem uma ideia do que pode vir a ocorrer, o professor conta que muito dinheiro, tempo e energia foram aplicados no país para o desenvolvimento de tecnologia adequada para a produção de vinhos finos. Quando todo esse investimento começou a dar resultados positivos, não havia profissionais especializados nessa área e foi necessário “importar” enólogos do Chile e da Espanha para atuar junto aos novos produtos. Diz, também, que, “se tivesse havido um olhar para o futuro há dez anos, teríamos tomado a decisão de formar mais engenheiros, que hoje está fazendo falta no país inteiro. O Brasil está precisando de profissionais de construção civil, de petróleo e de muitas outras áreas afins”.

Apesar de declarar que sempre teve um apoio muito grande, “principalmente moral”, da UFRGS, para a realização de seu trabalho, acredita que a escassez de recursos e a fal-

ta de uma política forte de incentivo à pesquisa em longo prazo atrapalham o desenvolvimento da ciência no país. Em sua opinião, os avanços percebidos nas universidades se deram graças ao interesse individual e ao esforço de uma pessoa ou de um grupo isoladamente. Em alguns casos, o crescimento se deu em campos que hoje não são tão necessários. “Muitas vezes, o progresso e a notoriedade alcançados pelas instituições públicas em geral, inclusive a nossa, se devem ao trabalho de cientistas que formaram grupos excepcionais em algumas áreas que estavam atrasadas e já não atendiam à expectativa da sociedade. Alguns setores permaneceram no mesmo patamar. A parte de informática é uma dessas que eu acho que a nossa universidade deveria voltar a prestar atenção, porque foi diminuindo o ritmo e atualmente parece

um pouco defasada.” Por outro lado, considera que a Medicina, o Direito, a Biotecnologia, uma parte da Física e da Genética em Plantas e em Micro-organismos estão entre as que mais cresceram nos últimos tempos.

“Eu gostaria que a UFRGS tivesse essa visão de futuro e, com base em estudos sobre a situação atual ou passada, fizesse uma projeção do que é possível e do que é desejado para o Estado a fim de se antecipar à procura e poder atender mais às demandas da população e de desenvolvimento da região.” Seu desejo para a Agronomia é que siga evoluindo como tem feito, mas que encontre uma maneira de “fazer publicidade” de suas descobertas, estudos e projetos para tentar captar novos investimentos, porque, segundo o professor, “a propaganda é a alma dos recursos”.

**1978**

É APROVADO PARA LIVRE-DOCENTE DA UFRGS E ESTABELECE O MIRCEN (MICROBIAL RESOURCES CENTER) EM UM CONVÊNIO ENTRE A INSTITUIÇÃO, A FEPAGRO E A UNESCO

**1989**

CRIA O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MICROBIOLOGIA AGRÍCOLA E DO MEIO AMBIENTE NA FACULDADE DE AGRONOMIA

**1992**

APOSENTA-SE COMO DOCENTE DA UFRGS